

## VERBOVISUALIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

### *VERBOVISUALITY IN PANDEMIC TIMES: A DIALOGICAL ANALYSIS*

*Anderson Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** este artigo discute a multiplicidade de sentidos presente em gêneros verbovisuais que evidenciaram a posição do Presidente da República Jair Bolsonaro sobre o isolamento social em meio a pandemia causada pelo Coronavírus. Justifica-se esta investigação pela importância que o letramento verbovisual possui no engendramento de cidadãos crítico-reflexivos, principalmente na formação de estudantes do Ensino Básico. Em acréscimo, considerando a leitura como um dos eixos do ensino de Língua Portuguesa na educação básica, nossa investigação vislumbra contribuir com a escolarização formal, principalmente no que tange a propostas de leitura contemporânea a partir de uma perspectiva dialógica. Em termos organizacionais, selecionamos gêneros verbovisuais que foram veiculados em redes sociais no primeiro semestre de 2020, período de crescimento da pandemia no Brasil. Para essa reflexão, recorreremos as lentes dialógicas do chamado Bakhtin e o Círculo, no qual elencamos o enunciado concreto e a responsividade como categorias de análise. Em nossas considerações, observamos que ao engendrar um enunciado concreto, os elementos verbovisuais remetem responsivamente a outros enunciados concretos, sem os quais os interlocutores podem não compreender os possíveis efeitos de sentido. Por meio do humor, nossas análises puderem explicitar como diversos locutores conseguem expressar suas ideias, divulgando-as por meio das redes sociais e grupos virtuais nos celulares, como na temática da crítica às ações engendradas pelo Presidente da República Jair Bolsonaro, cujas declarações públicas nas redes sociais ou telejornais, comprovaram uma posição de negacionismo a todos os protocolos de isolamento social prescritos pelas autoridades sanitárias, como o caso do uso de máscara para evitar a propagação do novo Coronavírus.

**Palavras-chave:** verbovisualidade; enunciado concreto; responsividade; pandemia.

**Abstract:** This article discusses the multiplicity of meanings present in verbovisual genres that evidenced the relationship between the position of the presidente of the Republic Jair Bolsonaro on social isolation amid the Caronavirus pandemic. This investigation is justified by the importance the verbovisual literacy has in generating critical-reflective citizens, mainly in the training of students in Basic Education. In addition, considering reading as one of the axes of Portuguese Language teaching in basic education, our investigation aims to contribute to formal schooling, especially with regard to contemporary reading proposals from a dialogical perspective. In organizational terms, we selected verbovisual genres that were aired on social networks in the first half of 2020, the period of growth of the pandemic in Brazil. For this reflection, we will use the dialogical lenses of the so-called Bakhtin and the Circle, in which we list the utterance and responsiveness as a category of analysis. , such as utterance and dialocial relations. In our considerations, we observe that When engendering a utterance, the verbovisual elements responsively refer to other utterance, without which the interlocutors may not understand the possible effects of meanings. Through joke, our analyzes can explain how several speakers manage to express their ideas, disseminating them through social networks and virtual groups on cell phones, as in the theme of criticism of the actions engendered by the President of the Republic Jair Bolsonaro, whose public utterance in social networks or News programs, proved a position of denial to all social isolation protocols prescribed by health authorities, such as the use of a mask to prevent the spread of the new Coronavirus.

**Keywords:** verbovisuality; utterance; responsiveness; pandemic.

---

<sup>1</sup> E-mail: andcs23@hotmail.com

## 1. Palavras iniciais

Este artigo objetiva evidenciar os múltiplos sentidos existentes em alguns gêneros verbovisuais que circularam nas redes sociais que criticaram a posição adotada pelo então Presidente da República, Jair Bolsonaro (no primeiro semestre de 2020) a respeito da pandemia e os casos de aumento de mortes no Brasil e sua visão sobre o isolamento social. Justifica-se esta investigação pela importância que o letramento verbovisual possui na constituição de cidadãos crítico-reflexivos, sendo uma maneira de estimular a capacidade de leitura e interpretação dos sujeitos, fazendo-os refletir sobre as potencialidades do verbovisual e seu poder de alcance na contemporaneidade. Em acréscimo, considerando a leitura como um dos eixos do ensino de Língua Portuguesa na educação básica, nossa investigação vislumbra contribuir com a escolarização formal, principalmente no que tange a propostas de leitura contemporânea a partir de uma perspectiva dialógica.

Em termos metodológicos, selecionamos alguns gêneros que utilizam a verbovisualidade, como charges e memes que tematizaram a relação entre pandemia e Jair Bolsonaro, então Chefe do Executivo em 2020. Para ancorar nossas leituras e discussões, recorreremos aos construtos teórico-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), nos quais elegemos o *enunciado concreto* e a *responsividade* como categorias de análise.

Em termos organizacionais, esta investigação está dividida em três partes. No primeiro momento, discorreremos a respeito da questão da verbovisualidade e suas peculiaridades. Por fim, tendo como base a Análise Dialógica do Discurso (ADD), analisaremos o *corpus* elencado, evidenciando os efeitos de sentido presentes em charges e memes que tematizaram a relação do presidente e a pandemia.

## 2. A importância da relação entre o verbal e o visual: imbricamentos dialógicos

Trazer para a esteira a discussão da verbovisualidade é algo que vem ganhando espaço nos meios acadêmicos, conforme observamos os diversos artigos científicos publicados, por exemplo na área de Letras e Linguística, bem como as dissertações e teses que jogam luz a respeito da importância do imbricamento do verbal e do visual na leitura e constituição dos

diversos gêneros discursivos. Ademais, a temática torna-se um elemento fundamental como forma de estimular a criticidade dos cidadãos, principalmente na formação de estudantes de Ensino Básico.

Entre os diversos trabalhos que colocaram na agenda a verbovisualidade por diferentes pontos de vista, destacamos a tese de Costa (2016), que a partir de uma abordagem dialógica, traça um retrato da verbovisualidade em livros didáticos de Língua Portuguesa. A partir dessa investigação robusta, os resultados mostraram uma escassez da verbovisualidade em atividades de leitura, bem como atividades que desenvolvessem a criticidade entre os alunos do Ensino Fundamental. Com essa pesquisa, percebe-se que uma das lacunas deixadas na escola regular é justamente a constituição de materiais que fortaleçam o letramento verbovisual no Ensino Básico. Ademais, como o livro didático representa uma das principais ferramentas para o ensino da língua materna dentro de um país de dimensão continental, as lacunas deixadas por eventuais coleções aprovadas pode ser um dos fatores prejudiciais para o pleno letramento verbovisual dos sujeitos.

Sob outro ponto de vista, vê-se que o verbovisual vem ganhando cada vez mais espaço em avaliações externas e internas de redes públicas e particulares de ensino, culminando no ENEM e nos diversos vestibulares pelo país. Em acréscimo, nota-se que, ao longo do tempo, os materiais didáticos têm destacado a questão da verbovisualidade em sua constituição, seguindo as prescrições dos documentos oficiais e das pesquisas contemporâneas. No entanto, pesquisadores especialistas da temática, mostram que esses materiais ainda não estão alinhados de maneira adequada aos documentos parametrizadores, tais como Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001) e Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017).

Pensando a respeito de todas essas peculiaridades, concordamos com ECO (2004), quando discorre a respeito dos limites da interpretação, em que, mesmo com a possibilidade de múltiplas compreensões, é necessário pensarmos quais são as mais aceitáveis a partir de critérios coerentes, a partir da trama enunciativa dos sujeitos, sem deixar de lado a influência do contexto histórico.

Com efeito, aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue toda pronta. Esse estado de coisas abre, como aliás insistem em nos fazer observar, uma liberdade de interpretação (o que quer dizer que o conteúdo “legível”, ou antes “dizível”, pode variar conforme as leituras); mas o que faz também – e não se poderia esquecer este ponto – com que a imagem comporte um programa de

leitura: ela assinala um certo lugar ao espectador (DAVALLON, 1999, p. 28-29).

Em consonância com o excerto, compreendemos a necessidade de perceber a constituição de sentidos a partir da estruturação enunciativa, em que destacamos o papel da imagem e do material verbal. Cabe ressaltar a necessidade de distinguir um universo de possibilidades a partir das peculiaridades do visual, caso das imagens fixas e animadas. Refinando nossa investigação, teremos a imagem fixa como base para nossas análises, na qual poderemos observar formas, ângulos, cores e seu diálogo com o contexto sóciohistórico, vislumbrando os efeitos de sentido. Desse modo, “a abordagem analítica aqui proposta depende de certo número de escolhas: a primeira é abordar a imagem sob o ângulo da significação e não, por exemplo, da emoção ou do prazer estético”(JOLY,1996, p.28). Partindo desse ponto de vista, a compreensão de gêneros constituídos pela verbovisualidade se dá para aquilo que excede a imagem, necessitando que o interlocutor recorra a outros *enunciados concretos* para compreender o projeto enunciativo do locutor e seus possíveis efeitos de sentido.

Ressalta-se em nossas discussões a respeito da verbovisualidade a questão da *ironia* como um dos efeitos de sentido possíveis. Desse modo, muitas construções enunciativas configuram-se como uma espécie de jogo entre os (inter)locutores do discurso em que é necessário que o interlocutor consiga, por meio de seus enunciados concretos, desvelar as intenções subentendidas a partir do jogo entre os elementos verbovisuais, considerando o contexto sóciohistórico.

A presença de outros discursos, através das diferentes formas de integração do já-dito, e mesmo as maneiras de chamar a atenção para elas ou de disfarçá-las, são formas não apenas de constituição textual, mas de produção do destinatário, ouvinte ou leitor. Configurando rupturas sintagmáticas, essas formas integram-se ambigualmente como citação para, de alguma forma, contestar determinados universos de crença, determinadas formações discursivas (BRAIT, 1996, p. 110)

Considerando essas peculiaridades do *corpus* elegido nesta pesquisa, aliado ao estofo teórico da Análise Dialógica do Discurso (ADD), ressaltamos a necessidade de seguirmos os preceitos metodológicos prescritos na primeira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017), na qual o teórico mostra um caminho a ser seguido para uma análise dialógica, considerando as condições concretas do discurso e as formas de interação verbal.

Por isso, é necessário guiar-se pelas seguintes exigências metodológicas fundamentais:

- 1) Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) Não se pode isolar a comunicação e suas formas de base material. (VOLOCHINOV, 2017, p. 110).

Considerando essas recomendações metodológicas, ao analisar nosso *corpus*, além da materialidade verbovisual presente, precisaremos levar em consideração o contexto, bem como as relações entre os (inter)locutores. Para tanto, na sequência, recorreremos aos construtos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), na qual explicitaremos a respeito do *enunciado concreto* e da *responsividade*.

### 3. Arcabouço teórico: as contribuições da Análise Dialógica do Discurso

Tendo como norteador a Análise Dialógica do Discurso (ADD), com base nas ideias desenvolvidas a partir de Bakhtin, Medvedev e Voloshinov, esta seção tem como escopo discutir as lentes dialógicas que subsidiarão nossas análises. Em princípio, revisitando a noção de *enunciado concreto*, recorreremos a um dos primeiros escritos a respeito da temática, encontrado em *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010). Nessas discussões, houve uma investigação do ato enquanto uma realização concreta dentro de um contexto sociohistórico. Nesse sentido, compreende-se o ato de uma maneira mais ampla, levando em consideração a responsabilidade ativa dos sujeitos discursivos na constituição do momento enunciativo.

Em *A construção da enunciação* (VOLOCHÍNOV, 2013), verifica-se a discussão a respeito da interação verbal entre os (inter)locutores como parte da característica do *enunciado concreto*. Numa espécie de fluxo contínuo, a relação enunciativa de um sujeito, pressupõe o diálogo com os enunciados anteriores, bem como reverbera em enunciados futuros em uma cadeia ininterrupta. Em consonância com esse pensamento, em *Palavra na vida e a palavra na poesia* (VOLOCHÍNOV, 2013), ao discutir sobre a poética sociológica, os apontamentos mostram a natureza extraverbal do *enunciado concreto*, necessitando dentro de uma análise que se considere o contexto comum entre os (inter)locutores, bem como a compreensão e avaliação

desses sujeitos na troca enunciativa. Ressalta-se aqui as interações podem mudar, conforme o contexto, como exemplo o momento da pandemia iniciado no primeiro semestre de 2020 que modificou o modo de interação entre os sujeitos em diferentes esferas, como no caso do ambiente educacional.

Em *O freudismo: um esboço crítico* (BAKHTIN, 2012), observando as discussões críticas a respeito do freudismo e o pensamento filosófico da época, Bakhtin corrobora para o entendimento de enunciado, asseverando que o momento enunciativo é resultado da interação entre os sujeitos. A partir disso, todas as nossas leituras e análises, dentro de uma perspectiva dialógica, não pode desconsiderar esses elementos que fazem da constituição de sentidos. Em consonância com esse pensamento, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017), Volóchinov discute a íntima relação entre sociedade e linguagem, destacando que o signo ideológico, reforçando a ideia na qual o contexto sociohistórico é resultante de um processo ininterrupto de comunicação a partir da interação social.

A partir da noção de *enunciado concreto* pelo viés dialógico, analisaremos nosso *corpus*, atentando as características da verbovisualidade e sua interação com os sujeitos do discurso e o contexto em que estão inseridas, evidenciando a constituição e efeitos de sentidos possíveis por meio da materialidade linguística. Além do enunciado concreto, em nossa investigação, elegemos também outra categoria de análise, o conceito de *responsividade*, no qual abarca as relações externas no momento enunciativo, considerando a subjetividade envolvida na relação entre os (inter)locutores.

De maneira ilustrativa, podemos trazer para exemplo as peculiaridades do *corpus* que iremos avaliar, ou seja, em gêneros com característica verbovisuais, os sujeitos discursivos que engendram o gênero pressupõe possíveis compreensões responsivas dos seus interlocutores, mas isso escapa aos sujeitos, pois diversos fatores podem interferir nos efeitos de sentidos, como contexto histórico, escolaridade, entre outros.

Em uma pesquisa contemporânea que estudou as práticas de multiletramento no ambiente escolar, Oliveira e Szundy (2014) discorrem para a necessidade de uma educação responsiva à contemporaneidade. Desse modo, essas autoras jogam luz para a necessidade de uma (trans)formação dos docentes da área de linguagens e sua responsabilidade sobre as práticas educacionais responsivas por meio do pensar e agir, no qual acrescentamos o papel da

prática docente no exercício cotidiano de fazer os estudantes ampliarem sua criticidade por meio da leitura.

Trazendo para nossa discussão escritos do Círculo bakhtiniano que auxiliaram na constituição do conceito de responsividade, na coletânea *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2011), observa-se a que o momento enunciativo se constitui sempre a partir de uma resposta a outros enunciados. Recorrendo a essa perspectiva, iremos discorrer criticamente possíveis repostas aos enunciados verbovisuais que circularam nas mídias sociais, tendo como mote a pandemia.

#### **4. Verbovisualidade: entrelaçamento entre a pandemia e as atitudes presidenciais**

A partir da criação e circulação de diversos gêneros verbovisuais, como memes e charges, que circularam nas redes sociais na época da pandemia do Coronavírus, no primeiro semestre de 2020, observou-se uma temática recorrente de crítica a posição e atitudes do Presidente da República, das quais selecionamos quatro figuras para análise e aprofundamento.

Cabe ressaltar o poder das inteligências artificiais e sua influência nas redes sociais e consequentemente a circulação e o viés de determinados gêneros, conforme, por exemplo, o posicionamento político ideológico de um determinado sujeito. Ressaltamos aqui que o assunto é extenso, fato que não poderá ser discorrido em profundidade devido a delimitação de páginas deste artigo, o que apenas iremos mencionar alguns pontos importantes para analisar o *corpus* elegido. Desse modo, como sabemos, as inteligências artificiais corroboram para a manutenção de postagens e assuntos, por exemplo, na *timeline* de uma rede social referentes aos assuntos com maior afinidade, criando uma espécie de bolha ideológica. De maneira ilustrativa, os dados de uma busca na internet, as postagens e curtidas são observadas, armazenadas e esses dados são cruzados e utilizados para, por exemplo, envio de propagandas de temáticas semelhantes, fato que pode influenciar ideologicamente ao consumo ou até mesmo na escolha de governantes, em se tratando de uma campanha eleitoral.

De maneira mais específica, numa espécie de bolha, as pessoas acabam seguindo outras pessoas na rede virtual ou acabam mantendo amizades virtuais com familiares, amigos e colegas que possuem visões semelhantes, o que pode ser visto por curtidas e comentários nos inúmeros

tipos de postagens. Destarte, nas timeline dos sujeitos aparecerão postagens de seus amigos que vão ao encontro a um pensamento comum, do contrário, isso pode resultar em discussões virtuais e até mesmo a exclusão de amizades virtuais ou até reais.

Ressaltando essa característica em nosso *corpus*, ilustrando posições diferentes para ampliar nossa compreensão a respeito de um posicionamento político, por exemplo, o apoio (ou não) ao presidente brasileiro. De um lado, nas redes sociais, podemos perceber um público que comunga de uma visão mais conservadora de direita ou ultradireita que vão replicar ações do governo federal e da própria figura do presidente da República, ressaltando os pontos positivos de sua atuação.

Por outro lado, podemos ter nas redes sociais, indivíduos que comungam de uma posição crítica a respeito das ações do representante do Poder Executivo, podendo ser de esquerda, centro ou até partidários, julgando criticamente a posição e ações do regente da nação que pode reverberar nas postagens, comentários e curtidas nas redes sociais e grupos de WhatsApp. Assim, considerando essas peculiaridades do meio no qual memes, charges e outros gêneros com característica verbovisuais, dentre as inúmeras postagens a favor e contra a visão do presidente a respeito da pandemia, selecionamos quadro cenas enunciativas que ilustram o posicionamento de Jair Bolsonaro e seus simpatizantes a respeito das ações para controlar o avanço da pandemia no primeiro semestre de 2020, visando controlar o número de internações e mortes, evitando um colapso na saúde pública no Brasil. Ressalta-se que a delimitação deve-se ao fato de podermos aprofundar a leitura e discussão da temática, bem como respeitar o número máximo de laudas deste artigo. Dito isso, segue a primeira figura para nossa leitura e apreciação.

Figura 1





Fonte: Facebook

Na figura 1, vê-se uma relação explícita entre os elementos verbovisuais construindo uma narrativa que vislumbra produzir efeitos de sentido específicos em seus interlocutores, fazendo-os refletir criticamente sobre a temática levantada para discussão. Com relação a parte visual, observa-se três carros coloridos em que bois aparecem dirigindo ou no banco carona. A partir dessa personificação, em que animais possuem habilidades humanas, percebemos que uma dessas personagens da narrativa segura um cartaz e o outro motorista aparece gritando a partir do recurso do balão, usado comumente em quadrinhos.

No conjunto da imagem, vê-se que as personagens estão fazendo uma carreata. Contextualizando essa cena enunciativa, no momento da pandemia causada pelo Coronavírus, muitos apoiadores e simpatizantes do então Presidente da República, Jair Bolsonaro, começaram a fazer mobilizações e manifestações pelas mídias sociais, bem como atos públicos pelas ruas, entre as quais, a carreata. Tendo uma atitude contrária às ideias propagadas de relaxamento do distanciamento social, em vez de fazerem aglomerações em passeatas, manifestação em que um número grande de pessoas a pé se deslocam para chamar atenção, um grupo ideologicamente afinado ao bolsonarismo começaram a fazer carreatas, cada qual em seu carro.

Ironicamente, essas atitudes mostraram que um grupo privilegiado, que possui carro (fato que nem todos os cidadãos possuem, principalmente os da classe econômica menos privilegiada) exigem a flexibilização pelos governos estaduais com relação às regras de isolamento e distanciamento social. Esse enunciado verbovisual ilustra de maneira jocosa notícias que figuraram por semanas em diversas mídias. Assim, esse grupo pressiona o governo

para a volta da normalidade, em que se nota aglomerações da classe operária, por exemplo, nos pontos de ônibus e estações de metrô, estimulando assim a contaminação do vírus mais acelerada entre os menos favorecidos, fato que ironicamente é reivindicado por pessoas de dentro dos seus carros que, com a justificativa de um discurso econômico e da manutenção dos empregos, acabam não saindo de dentro dos seus automóveis afim de evitar o contágio pelo Coronavírus.

Fazendo uma análise detalhada desta figura, o carro que aparece no primeiro plano tem uma figura verde, com uma representação rudimentar aludindo ao formato do Coronavírus, fato que faz o leitor remeter responsivamente ao assunto da pandemia. Chama a atenção, são os bois representando as pessoas dentro dos carros, sendo que um deles parece estar usando uma camisa amarela, aludindo a da seleção brasileira de futebol. Esta escolha de um animal específico para ilustrar a cena não é algo aleatório, mas jocosamente representa um elemento importante para a constituição de sentidos do nosso enunciado em análise. Com relação à questão dessa animalização da narrativa, refere-se uma memória enunciativa de boiada, ou seja, expressão que remete às pessoas que falam ou agem sem reflexão, seguindo uma referência sem questionamento. De modo específico a respeito da camiseta citada, refere-se também a vestimenta que muitos apoiadores de direita e do governo federal usavam para manifestações pró-governo.

Analisando esse enunciado concreto, a ilustração da camiseta amarela também não é algo aleatório, mas faz parte de uma construção enunciativa que remete uma compreensão responsiva a respeito dessa escolha. Como sabemos, diferentes de outras nações (comparado aos EUA, que colocam bandeiras nas janelas), os brasileiros não expressam seu patriotismo de maneira cotidiana, sendo pontuado, além do 07 de setembro e outros feriados nacionais, os grandes eventos esportivos, entre os quais, Jogos Olímpicos e Copa do Mundo. Ressaltamos que a tradição de vestir camisetas verde e amarelo ou camiseta oficial da seleção brasileira de futebol tornou-se por várias décadas uma tradição para torcedores acompanharem os jogos ao vivo ou pela televisão. De outra maneira, nos últimos anos, observou-se que um fenômeno das grandes manifestações contra corrupção, bem como outras temáticas de ordem política popularizaram a vestimenta da camiseta da seleção brasileira, algo que tornou-se uma espécie de uniforme que foi apropriado por grupos de direita ou de extrema direita, sendo essa uma das leituras possíveis na figura que estamos analisando. Sendo assim, todos os pequenos elementos

como, por exemplo, as cores são elementos que não podem ser desconsiderados em uma leitura crítica, pois responsivamente podem despertar nos interlocutores efeitos distintos.

Sobre a parte verbal, vê-se duas ocorrências nessa narrativa. Na primeira, visualizando um balão da personagem em primeiro plano, percebe-se um grito com o vocábulo em caixa alta *MIHITOO*, expressão que remete aos dizeres de muitos simpatizantes da chapa Bolsonaro/Mourão durante a última campanha eleitoral para a Presidência da República do Brasil, expressão que circulou também por muitos simpatizantes em diversos atos públicos e nas redes sociais no período em que o candidato venceu o pleito e o início do seu mandato. A respeito da escolha do vocábulo *mito*, recorrendo a memória discursiva, trata-se de narrativas de tempos antigos no qual povos criavam figuras heroicas que viviam para realizar feitos fantásticos. Ao longo do tempo muitos mitos foram engendrados pelos povos, conforme suas culturas perpetuadas ao longo da história. Trazendo esse conceito para nosso debate, o resgate desse termo como adjetivo para o então candidato à presidência da República remete ao fato de seus simpatizantes e apoiadores acharem a figura do pré-candidato semelhante a um mito. Com promessas de acabar com a “velha política”, o então candidato Jair Bolsonaro disseminou durante a campanha a ideia de uma possível mudança, levantando a bandeira de uma “nova política” contra a corrupção e velhos hábitos comumente retratados nos noticiários.

Na segunda ocorrência verbal, vê-se um cartaz na cor verde com os dizeres: *Deixem o vírus trabalhar*, trocadilho irônico que remete ao discurso presidencial que queria, durante o período da pandemia, que houvesse a flexibilização do isolamento social em detrimento dos impactos econômicos causados pelo desemprego. Tal posicionamento, além de largamente noticiado pela mídia, pode ser observada também em alguns pronunciamentos do presidente que ficam arquivados na página oficial do governo. De maneira irônica, o locutor, entre as possibilidades de leitura, criou uma narrativa satirizando as ações de uma parcela da população fazendo campanha para que o vírus pudesse circular, indo contra as orientações das autoridades sanitárias e políticas.

Com essa primeira análise, vê-se a necessidade de exemplos contemporâneos como esse serem utilizados nas aulas de língua materna, não apenas para mostrar a estrutura do gênero, mas como mote disparador para discussões entre adolescentes e jovens que estão no Ensino Básico, sendo uma maneira de despertar a criticidade dos novos cidadãos que poderão analisar uma temática por diferentes perspectivas, ampliando assim o grau de fluência dos estudantes.

Figura 2



Fonte: Facebook

Dialogando com a análise anterior, a figura 2 também apresenta um imbricamento verbovisual em que de maneira sucinta, vê-se uma personagem, com traços do presidente do país, Jair Bolsonaro, na qual parece estar em um cemitério, fato observado pelas lápides na continuidade deste quadro. Nessa cena enunciativa, a partir da compreensão responsiva do desse enunciado concreto, a personagem que representa o chefe do Poder Executivo, em tom enfático, em que podemos comprovar com exclamações nos dois períodos parece estar dialogando sozinho, o que os interlocutores podem pressupor que a personagem está falando para as lápides (e obviamente com os mortos), no balão vê-se: *Levantem e vão trabalhar! O Brasil não pode parar!* Em caixa alta, os dois períodos são fechados por sinais de exclamação que (d)enunciam um tom enfático do discurso presidencial em insistir, mesmo com o crescimento da curva de contaminação, que as pessoas e empresas continuassem as atividades em meio à pandemia causada pelo Coronavírus, contrariando todas as medidas de isolamento social prescritas pelas autoridades de saúde, procurando amenizar o aumento de contaminação e casos de morte causados pelo COVID-19. Em um tom irônico, em um possível acabamento enunciativo para nossa leitura, o locutor engendra uma cena em que o presidente parece falar com as lápides, representando os mortos, que faz alusão aos (futuros) falecimentos causados

DOI: 10.29327/232521.2.2-13

pela pandemia e o relaxamento do isolamento, fato que levaria a classe trabalhadora a um contágio mais rápido, podendo causar mortes entre os menos favorecidos.

Desse modo, vê-se que para uma leitura crítica verbovisual do enunciado, os interlocutores precisam acionar diversos outros enunciados e fazer relação com o contexto sóciohistórico para atribuir efeitos de sentidos. De maneira ilustrativa, se imaginássemos essa cena em outro período histórico ou em outro espaço, como um país distante do Brasil, talvez essa cena não fosse compreensível. No entanto, a circulação desse enunciado no primeiro semestre de 2020 acaba por (d)enunciar uma crítica por meio do humor, fazendo com que as pessoas refletissem a respeito de um possível retorno. Ademais, mostra que a dissonância entre o viés político do discurso governamental e o discurso científico divulgado pela mídia acaba por confundir milhares de cidadãos menos esclarecidos, o que poderia causar um prejuízo para a saúde de milhares de brasileiros.

Analisando o teor da materialidade linguística, vê-se que o discurso econômico tentando se sobrepôr ao discurso científico que mostra, por meio de índices estatísticos da eficiência do isolamento social para a saúde público dentro de um país, algo noticiado amplamente pelas mídias nacionais e internacionais. De outra perspectiva enunciativa, esse é parece ser um argumento razoável pelos diversos problemas de uma crise econômica, como a inflação, recessão e desemprego, algo que começou afetar inúmeras famílias no mundo e no Brasil. Como era consenso em todo mundo, todos os países iriam enfrentar com a questão econômica devido a paralização de diversos setores, bem como o aumento do desemprego, mas que a prioridade na época era de um isolamento mais severo, prevenindo vidas e evitando um colapso na saúde pública brasileira.

Figura 3



Fonte: Facebook

Na figura 3, vê-se a imagem do que supostamente parece ser um palhaço, representando o então Chefe do Executivo do Brasil, Jair Bolsonaro. Nesse sentido, para constituição de sentidos, o interlocutor precisa dar um tom valorativo para o enunciado a partir de outros enunciados concretos. Desse modo, além da maquiagem tipicamente que caracterizam a figura de um palhaço, percebe-se cabelos protuberantes em ambas extremidades da cabeça o que pode associar a característica do palhaço Bozo, personagem que fez sucesso na televisão brasileira na década de oitenta do século XX. Com isso, vê-se que a questão temporal também é um elemento importante para os efeitos de sentidos, pois em uma primeira leitura, dependendo da faixa etária dos interlocutores, pode ser uma compreensão responsiva de um palhaço qualquer e não uma personagem que fez parte do cotidiano midiático brasileiro no século passado. Ademais, aliado com essas possibilidades, na contemporaneidade, um dos apelidos dados pelos que não apoiam o atual presidente Bolsonaro é justamente Bozo, ironizando o governante atual do Brasil por meio desse vocábulo.

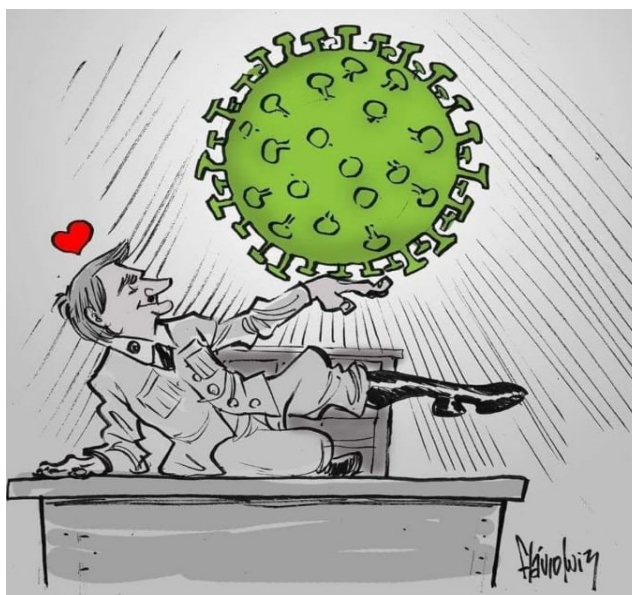
Para confirmar essa leitura do enunciado exclusivamente visual, o palhaço veste um terno e uma faixa transversal com as cores nacionais, o que remete a faixa presidencial usada em ocasiões solenes (como o caso da posse), possibilitando os leitores inferir tratar-se de uma narrativa que satiriza a figura do presidente da república por suas ações em meio à pandemia causada pelo Coronavírus. Lendo esse enunciado que critica a postura do chefe do executivo,

DOI: 10.29327/232521.2.2-13

na face dessa figura vê-se uma máscara no meio do rosto, tapando os olhos com o seguinte dizer: *imbecil*, escrito com a cor vermelha. No caso da máscara, ela representa um dos mais populares instrumentos para auxiliar na diminuição da propagação do Coronavírus, sendo recomendado pelas autoridades sanitárias. O uso desse recurso, tanto pelos profissionais de saúde, como a população em geral, deve ser feito tapando a boca e o nariz, procedimento que ajuda amenizar a propagação do Coronavírus. Na figura em si, a máscara está tapando os olhos da personagem, que no caso representa o presidente. Nesse sentido, a partir das ações de Bolsonaro que, por diversas vezes, apareceu em público sem máscara em meio a aglomerações. Nesse sentido, a máscara, nesta cena enunciativa, representa como o presidente está de olhos fechados para a periculosidade da doença causada pelo vírus.

Ademais, a imagem representa o mau exemplo que o presidente deu em inúmeras aparições públicas, sendo o não uso da máscara um dos elementos que chamaram mais atenção da opinião pública e da imprensa. Em outra leitura desse enunciado, apesar de ter em sua totalidade elementos visuais, além da assinatura, um elemento verbal que aparece na cena enunciativa é a palavra *imbecil*. Esse vocábulo aparece na cor vermelha não por uma escolha aleatória, mas os locutores engendraram uma palavra com respingos, o que pode representar a palavra sendo escrita com sangue, representando as muitas mortes que as atitudes do presidente Bolsonaro e seu governo poderia ter responsabilidade, mesmo que indiretamente, pelo exemplo negativo divulgado pelas diversas mídias durante o período em que o país enfrentou a pandemia do Coronavírus.

Figura 4



Fonte: Facebook

Na figura 4, vê-se, excluindo a assinatura do autor, um enunciado exclusivamente visual, no qual numa primeira impressão remete-nos a uma cena do filme *O grande ditador*, estrelado por Charles Chaplin. Esse reconhecimento da cena só é possível se o interlocutor já tiver em sua memória discursiva para associar a figura em análise como representação de uma cena de um filme americano realizado na década de 40 do século passado, em que *Charles Chaplin*, por meio de uma comédia dramática, satiriza os regimes nazista e fascistas, representado aqui nessa cena pelo maior ícone do Nazismo, o ditador Adolf Hitler.

De uma maneira resumida desse roteiro, Chaplin representa um cadete do exército de uma nação fictícia, que perde a memória após um acidente e permanece por anos em um hospital. Em uma cena clássica, Chaplin brinca com o Globo que representa o mundo, cena essa que parece ser resgatada pelo locutor deste enunciado concreto. Em uma cena em preto e branco, remetendo um filme antigo, a personagem central dessa narrativa possui dois elementos que guiam nosso olhar responsivamente para uma leitura da representação do presidente Jair Bolsonaro, mas ao mesmo tempo, outros elementos visuais aludem ao ditador alemão, caso da farda, bem como o bigode tipicamente usado por Hitler, sendo uma de suas características dessa figura histórica.

Dentro dessa cena em preto e branco, dois elementos visuais destacam-se por estarem coloridos. O primeiro é o coração vermelho saindo da cabeça da personagem e o vírus em escala maior na cor verde, que no caso substitui o globo flutuante que foi utilizado na cena original do



filme. Em síntese, em uma das leituras possíveis, a personagem parece estar apaixonada ou gostando do vírus, fato possível pelo semblante da personagem e o coração acima da cabeça da personagem. Por sua vez, a representação do vírus em tamanho grande em associação da cena original do filme de Chaplin, representa a pandemia em que o vírus tomou conta do mundo, sendo o globo substituído pela representação em escala muito maior.

A partir da compreensão responsiva desses quatro enunciados, vê-se o quão importante são os elementos verbovisuais para engendramento de uma crítica social, pois os elementos lúdicos acabam por atrair e persuadir os interlocutores para a leitura, bem como seu compartilhamento em redes social ou grupos de WhatsApp.

### **Considerações finais**

Em nossas considerações, verificamos como no atual contexto pandêmico, a leitura de gêneros verbovisuais, bem como a competência para a compreensão de seus efeitos são de vital importância para o entendimento da realidade e suas facetas. Ademais, constata-se a relevância dos elementos verbovisuais contribuindo para a questão dos efeitos de sentidos, como humor e ironia. Ratifica-se aqui o papel social que os gêneros verbovisuais possuem para propagar determinadas posições ideológicas, como também denúncias sociais.

Em nossas leituras, por meio desses gêneros verbovisuais que circularam no primeiro semestre de 2020, constata-se a evidência do discurso econômico como argumento da posição do presidente e seus simpatizantes para propor um relaxamento nas medidas de isolamento social, principal forma de conter os casos de contaminação pelo Coronavírus, seguindo todos os protocolos de segurança das autoridades sanitárias.

Por meio do humor, nossas análises puderem explicitar como diversos locutores conseguem expressar suas ideias, divulgando-as por meio das redes sociais e grupos virtuais nos celulares, como na temática da crítica às ações engendradas pelo Presidente da República Jair Bolsonaro, cujas declarações públicas nas redes sociais ou telejornais, comprovaram uma posição de negacionismo a todos os protocolos de isolamento social prescritos pelas autoridades sanitárias, como o caso do uso de máscara para evitar a propagação do novo Coronavírus.

DOI: 10.29327/232521.2.2-13

Por fim, vimos que ao engendrar um enunciado concreto, os elementos verbovisuais remetem responsivamente a outros enunciados concretos, sem os quais os interlocutores podem não compreender os possíveis efeitos de sentido, tais como o humor causado pela ironia. Dessa maneira, os diferentes indícios engendrados por gêneros verbovisuais revelam pontos de vista que necessitam dos (inter)locutores uma competência cognitiva para compreensão da ironia como maneira específica de interdiscurso, revelando o caráter bivocal e dialógico da interação enunciativa.

## Referências

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução a tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília/São José dos Campos: MEC/SEF/Univap, 2001.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf). Acesso em: 22 de dezembro de 2017.

COSTA, E. P. M. da. **Retrato da verbo-visualidade em livros didáticos do ensino fundamental: uma abordagem dialógica**. 2016. 754 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre et. Al. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 23-38.

ECO, U. **Os limites da interpretação**. Trad. de José Colaço Barreiros. 2. ed. Lisboa: Difel, 2004.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Tradução Marina Appenzeller. 6. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996.

OLIVEIRA, M.B.F. de; SZUNDY, P. T. C. Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, [S.l.], v. 9, n. 2, p. Port. 184-205/ Eng. 191-210, nov. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/19345/15609> Acesso em 14 ago. 2020.

VOLOCHÍNOV, V. N. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 71-100.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação. In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 157-188.

DOI: 10.29327/232521.2.2-13

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.